



Literaturas de Autoria  
**INDÍGENA**



DANGLEI DE CASTRO PEREIRA  
LUZIA APARECIDA OLIVA  
(ORGS.)

# Literaturas de Autoria INDÍGENA



DANGLEI DE CASTRO PEREIRA  
LUZIA APARECIDA OLIVA  
(orgs.)

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra é dos autores .  
[1a edição]



## Elaboração e informações

Universidade de Brasília  
[Instituto de Letras, Campi Darci Ribeiro]  
[Departamento de Teoria Literária e Literaturas]  
Campus Universitário Darcy Ribeiro, [L2 , 240] CEP: [79910-900] Brasília - DF, Brasil  
Contato: (61)3107-7700 Site: [www.unb.br](http://www.unb.br) E-mail: [danglei@unb.br](mailto:danglei@unb.br)

## Conselho Editorial:

Adriana Lins Precioso – UNEMAT  
Antonio Aparecido Mantovani - UNEMAT  
Ana Crélia Dias – UFRJ  
Lucilene Machado Garcia Arf - UFMS  
Lucilo Antonio Rodrigues – UEMS  
Rosana Cristina Zanelatto Santos – UFMS  
Susanna Busato – UNESP  
Wellington Furtado Ramos – UFMS

## Editora:

Universidade de Brasília  
Departamento de Teoria Literária e Literaturas

## Equipe técnica:

Capa: Samuel Moura Andrade  
Criação: Samuel Moura Andrade  
Fotos: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé  
Projeto gráfico e diagramação: Samuel Moura Andrade



P436 Pereira, Danglei de Castro

Literaturas de autoria indígena / Danglei de Castro Pereira; Luzia Aparecida Oliva (orgs.).  
– Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas,  
2022. 143 p. : il

Inclui bibliografia.

ISBN: (físico) 978-65-89350-05-7

ISBN: (digital) 978-65-89350-04-0

1.; Literatura – Estudo e ensino. 2. Etnoliteraturas. 3. Educação Básica – Brasil. I.  
Título.

CDU



[...] a maior contribuição que os povos da floresta podem deixar ao homem branco é a prática de um ser uno com a natureza interna de si. As tradições do Sol, da Lua e da Grande Mãe ensinam que tudo se desdobra de uma fonte única, formando uma trama sagrada de relações e inter-relações, de modo que tudo se conecta a tudo. O pulsar de uma estrela na noite é o mesmo do coração. Homens, árvores, serras, rios e mares são um corpo, com ações interdependentes. Esse conceito só pode ser compreendido por meio do coração, ou seja, da natureza interna de cada um. Quando o humano das cidades petrificadas largar as armas do intelecto, essa contribuição será compreendida. Nesse momento, entraremos no ciclo da unicidade, e a terra sem males se manifestará no reino humano.

*(JECUPÉ, Kaká Werá. A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio, 2020, p.64)*

# ÍNDICE

## NOTA AO LEITOR

## PARTE I - ARTIGOS

**PELOS IGARAPÉS DA ESCRITA LITERÁRIA INDÍGENA** -----  
----- *Luzia Aparecida Oliva*

**CULTURA DE UM POVO: A CIÊNCIA E AS ARTES DE UMA  
OMÁGUA-KAMBEBA** -----  
----- *Luiz Renato de Souza Pinto*

**MEMÓRIA E RESISTÊNCIA EM PROJETOS E PRESEPADAS DE UM  
CURUMIM NA AMAZÔNIA, DE EDSON KAYAPÓ** -----  
----- *Leila Sílvia Sampaio*

**O PERCURSO DA IDENTIDADE EM OLHO D'ÁGUA: O CAMINHO DOS  
SONHOS DE RONI WASIRY GUARÁ** -----  
----- *Delma Pacheco Sicsú*

**LITERATURA INFANTIL INDÍGENA E OS SABERES DA  
ANCESTRALIDADE: NO CAMINHO DA ALDEIA, COM OLÍVIO JECUPÉ E  
DANIEL MUNDURUKU** -----  
----- *Rosana Rodrigues da Silva*

**A POÉTICA INDÍGENA FEMININA DE POTIGUARA, GRAÚNA, KAMBEBA E  
TABAJARA** -----  
----- *Rosivânia dos Santos*

## PARTE II - ENTREVISTAS

**COM A PALAVRA, JULIE DORRICO: A LITERATURA INDÍGENA E SEUS  
CONTORNOS** -----  
----- *Julie Stefane Dorrico Peres, Leila Sílvia Sampaio*

**LITERATURA E ATIVISMO DE EDSON KAYAPÓ E ALINE NGRENHTABARE  
L. KAYAPÓ** -----  
----- *Edson Kayapó, Aline Ngrenhtabare L. Kayapó, Leila Sílvia Sampaio*

## **NOTA AO LEITOR**

Os artigos e as entrevistas que compõem este e-book são resultados das ações do projeto de pesquisa O escritor nativo por ele mesmo: literatura e representação (2020-2022) desenvolvido na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – campus de Sinop, sob a coordenação da Profa. Luzia Aparecida Oliva.

O objetivo do projeto, já concluído, consistiu em divulgar, ler e debater acerca da produção literária de autoria indígena no Brasil e ampliar seu alcance. Assim, as obras foram lidas por estudantes de graduação e pós-graduação, professores do Ensino Básico e Superior, de diversas instituições, entre elas, UNEMAT, UnB, UEA que contribuíram de maneira significativa na divulgação de autores e obras. Os encontros virtuais (Plataforma Google Meet) possibilitaram o acesso a muitos profissionais da educação que não poderiam participar se fossem realizados de maneira presencial. Isso também se justifica em virtude da pandemia que impôs outros caminhos tecnológicos a serviço da pesquisa e extensão.

Estamos certos de que o projeto cumpriu sua finalidade socioeducacional e, agora, torna público o resultado por meio de artigos de pesquisadores e entrevistas com escritores indígenas. Registra-se o agradecimento aos envolvidos que fizeram esse percurso de leitura e se propuseram a manter viva a tradição dos povos originários pelas histórias narradas e pelas vozes autorais.

Agradecimento ao Prof. Waraxowoo'i Maurício Tapirapé que, gentilmente, cedeu as fotos de seu acervo para que compusessem a capa. São registros do interior da cultura de seu povo. Por meio dessas imagens, dedicamos este trabalho aos povos originários que, desde a invasão, lutam incansavelmente pela Mãe Terra.

**Os organizadores**

# PARTE I

## ARTIGOS

**Vale lembrar que a literatura indígena - [...] – nasceu com o primeiro sopro vital e criador. Foi crescendo Palavra e se transformando em escrita mais recentemente. Talvez possamos pensá-la em um movimento de transição em que oralidade e literatura criaram uma simbiose tamanha incapaz de haver separação ou anulação de uma pela outra. Quero dizer com isso que a literatura não apaga a oralidade ou vice-versa. As duas se complementam, se fundem no mesmo movimento do espiral que junta passado e presente como um método pedagógico que se atualiza constantemente.**

*(MUNDURUKU, Daniel. Mundurukando 2: sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores. 2017, p. 122)*

# MEMÓRIA E RESISTÊNCIA EM PROJETOS E PRESEPADAS DE UM CURUMIM NA AMAZÔNIA, DE EDSON KAYAPÓ

Leila Silvia SAMPAIO (SEDUC/MT – Colíder)

[leilasampaio70@gmail.com](mailto:leilasampaio70@gmail.com)

Não se seca a raiz de quem  
tem sementes espalhadas  
pela terra pra brotar  
(Eliane Potiguara)

## Introdução

A literatura de autoria indígena apresenta-se como a continuidade da literatura oral milenar dos povos indígenas e configura-se, também, um instrumento de resistência, ocupando espaços, cada vez mais visíveis, no campo literário. Após séculos de vozes silenciadas, tomam o lugar de fala para (re)contarem suas histórias ignoradas pelas ações de apagamento de suas identidades que foram subjugadas e retratadas de forma estereotipada na literatura brasileira escrita pelo não indígena. Ao protagonizarem essa escrita contam suas vivências nas textualidades literárias, onde é possível presenciar costumes das variadas culturas existentes, suas crenças, epistemologias e cosmovisões. Das obras que recontam histórias milenares, passando pelos antigos costumes que são mantidos, mesmo em um processo de resignificação cultural, os autores buscam, pela forma impressa da palavra, fazer-se presentes e visíveis em um discurso de autoafirmação identitária, lutando pelo reconhecimento, valorização e respeito pelas suas formas de vida. Movidos pela força ancestral utilizam a caneta como arma na luta pelos seus direitos e espaços, sem que tenham suas identidades questionadas. Acerca disso, Munduruku (2020, p. 63) reflete:

[...] povos indígenas inteiros têm sofrido as consequências de viver em contato permanente com uma sociedade que lhes prendem em conceitos que os tornam menores e marginalizados. A isso inclui a negação da identidade cultural. Se, por um lado manter-se indígena é condição fundamental para o reconhecimento étnico –pois assim a sociedade complexa pode manipulá-lo-, aprender e conviver com a sociedade em igual condição é considerado um abandono de identidade.

Dessa maneira, faz-se cada vez mais necessário dialogar acerca da presença indígena e como se utilizam da memória para o fortalecimento de suas identidades pela escrita literária que se soma às manifestações de resistência.

A obra *Projetos e presepadas de um curumim na Amazônia* (2019), de autoria de Edson Kayapó, apresenta uma narrativa de caráter autobiográfico que relata momentos da infância à vida adulta, centrando nas memórias de



sua ida e passagem por um internato, na Cidade de Altamira, no Pará. Ao trazer registros de sua cultura com os relatos da infância na aldeia, o autor conta sua vivência em plena harmonia com a natureza: as brincadeiras na floresta, banhos e pescaria no rio. E, em sua passagem pelo internato, percebe-se a força motriz da cultura autóctone nas ações de resistência em querer viver seus costumes em um lugar que nega sua identidade, sendo punido quando flagrado vivendo sua essência maior, seu verdadeiro eu.

A narrativa, passada no século XX, traz em seu cerne pontos relevantes para entender o processo de imposição e julgamento das crenças indígenas que ocorrem desde o período colonial. Serve também para refletir e perceber como essas ações estão próximas da atualidade, pois ainda se presencia nas aldeias a tentativa de conversão dos povos indígenas à fé cristã.

Por meio desse relato autobiográfico, o autor indígena percebe o campo literário como reafirmação identitária e utiliza-se de suas memórias como forma de denúncia aos atos sofridos na época. Seus projetos apresentados como um descumprimento das regras do lugar e às imposições são resgatados pela memória e atingem, pela palavra escrita, um significado de força e resistência.

### **A memória na literatura de autoria indígena: resistência pela palavra escrita**

Quando falamos de memória indígena na literatura, a percebemos, de acordo com Nora (1993), em sua verdade que vem de dentro. Não é uma memória estática como vemos nos museus, mas sim que resgata o passado ancestral para fortalecer a ideia de pertencimento identitário. É dividir vivências, saberes históricos e milenares que se apresentam para reivindicar seus espaços e assumirem outro lugar na história oficial. Nora (1993, p. 14) defende que “Tudo que é chamado hoje de memória, não é, portanto, memória, mas já história [...] a necessidade de memória é uma necessidade de história”. Desse modo, quando falamos da memória indígena temos a valorização de um passado que se faz presente. De acordo com Munduruku (2017, p. 116):

A memória é um vínculo com o passado, sem abrir mão do que se vive no presente. É ela que nos coloca em conexão profunda com o que nossos povos chamam de tradição [...]. Ela, a memória é quem comanda a resistência, pois nos lembra que não temos o direito de desistir, [...] lembrar que somos um conjunto, uma sociedade, um grupo, uma unidade. Essa ideia impede que nos acerquemos da visão egocêntrica e ególatra nutrida pelo ocidente.

Entendemos que, através da escrita literária, a memória ocupa um lugar essencial para a resistência dos povos indígenas que procuram viver suas culturas, que há séculos vêm sendo mantidas pela prática da literatura oral, pelos conhecimentos antigos passados dos mais velhos aos mais novos. São as marcas da ancestralidade sempre viva sendo registrada nos livros que, segundo Kambeba (2018, p. 44),

Existem para deixar aos novos uma continuidade de legado. Existem para que lembrem que a cultura é um tesouro que não se pode deixar

roubar ou perder. Existem para que sintam que são responsáveis por seu território sagrado e que esse território está em si e não fora, dentro da alma e não apenas no espaço vivido.

A poeta indígena defende essa literatura como “uma escrita que envolve sentimento, memória, identidade, história e resistência” Kambeba (2018, p. 39). Apropriamo-nos de termos citados pela autora para nos referir à questão da luta dos povos indígenas e como resistem, mostrando-se autores de suas histórias, suas epistemologias, cosmologias que, por mais de 500 anos, sofrem preconceito e descrédito diante do pensamento ocidental.

É importante lembrar o papel colaborativo da produção literária brasileira para que os povos indígenas sofressem discriminação e a eles fossem incutidos conceitos que se perpetuaram ao longo do tempo e que ainda é possível perceber nos dias atuais, mesmo que se presencie uma mudança que acontece paulatinamente, regada a muita luta para se fazerem visíveis e respeitados e mudar aquilo que desenharam no imaginário do não indígena.

A resistência torna-se uma ação constante e presenciarmos o indígena ocupando espaços a eles negados por séculos, onde, no processo de interação com outra cultura e, através das manifestações culturais: literatura, dança, canto – apresentados também pelas mídias digitais por eles mesmo- reforçam sua presença na sociedade e (re)afirmam suas identidades. No entanto, a presença do indígena nos centros urbanos, utilizando as ferramentas tecnológicas para a produção de suas artes faz com que tenham suas identidades questionadas com discursos de abandono da cultura. A respeito disso Munduruku (2017, p. 119) defende que:

Ser indígena e ficar apegado a uma tradição-escrita em minúsculo- é não perceber, compreender e aceitar a dinâmica da cultura. [...] como na espiral- a convivência entre passado e presente é absolutamente possível se não nos deixarmos cair na armadilha dos estereótipos e da visão tacanha de que usar as novas tecnologias arranca do indígena seu pertencimento à Tradição. Pior ainda quando se afirma ser esse uso um meio para destruir a cultura. Na verdade, é o contrário. É a não utilização desses instrumentos que faz com que a cultura esteja em processo de negação de si mesma. [...] Na sua dinâmica, a cultura precisa se atualizar para se manter permanentemente nova, útil e renovada.

Colaborando com o autor, é preciso refletir o ser indígena no presente. Essa discussão não pode estar, obviamente, desvinculada do passado, mas abordar sua presença no mundo contemporâneo que segue um fluxo de transformações que alcançam os indivíduos em geral.

Relacionado a isso, retomamos a questão da escrita de autoria indígena na literatura. Os povos indígenas são da tradição oral e, segundo Kambeba (2018, p. 43) “a palavra é, para os povos indígenas, um objeto de arte, pois ela representa a imagem guardada na memória dos saberes”. A autora defende a importância dos registros como forma de conhecer e entender as culturas indígenas e instrumento para guardar o legado e permitir sua continuidade pelos mais novos. A autora explica que os povos indígenas

foram desenhando sua memória, história construída com muita luta, escrita de um tempo que atravessou gerações e que hoje é uma forma de resistência pela arte da escrita literária. Nasceu uma literatura indígena escrita por quem elabora narrativas inspiradas nas histórias contadas pelo avô ou pelos anciões, ou com base na própria existência de vida, seja na aldeia, seja na cidade. (KAMBEBA, 2020, p. 16)

Segundo a autora, “A escrita é o desenho da memória, do tempo, da história. Por ela aprendemos, partilhamos saberes, traduzimos sentimentos guardados no coração” (KAMBEBA, 2020, p. 16). Desse modo, temos a literatura indígena que se inicia, primeiramente, com as histórias ancestrais, que são as memórias coletivas, partindo para as publicações em que autores intelectuais indígenas assumem a autoria individual, conforme defende Peres (2017, p. 115):

encontram no campo literário a possibilidade para apresentar uma voz-práxis que é, ao mesmo tempo, estética e política: é na autoafirmação, autoexpressão e autovalorização desde a literatura – e de uma literatura escrita de modo autobiográfico, mesclando o eu-nós lírico, cultural, comunitário e político – que os escritores e intelectuais indígenas reafirmam sua existência, re-existência e resistência falando por si mesmos e desde si mesmos num movimento umbilical de afirmação de alteridade e de busca por direitos e garantias próprios e necessários aos povos indígenas

Na obra apresentada neste trabalho, *Projetos e presepadas de um curumim na Amazônia* (2019), é possível verificar que a intenção do autor não paira somente na vontade de contar sua vida no passado, mas relatar uma ação de “invasão” e de desrespeito a uma cultura já existente e seus “projetos” que traduzem o espírito de resistência. É possível verificar o tom de denúncia na obra mesmo que haja o distanciamento da visão que o autor apresenta, hoje, acerca dos acontecimentos vivenciados por ele e apresentados na narrativa.

Nesse sentido, corrobora o que Peres (2017, p. 117) defende acerca da literatura, pois, por meio dela,

enquanto correlação de eu-nós lírico-político, de sujeito histórico e sujeito mítico, os intelectuais indígenas podem assumir uma perspectiva crítico-criativa em que reelaboram e reafirmam suas tradições e vinculações, realizando, a partir daqui, uma postura política de ativismo frente à sociedade civil de um modo mais geral, publicizando sua condição e denunciando a violência sofrida.

O escritor Edson Kayapó, quando narra sua experiência de deslocamento da aldeia à cidade, mais especificamente ao internato, utiliza-se de sua memória para leva o leitor ao conhecimento de sua experiência e da “invasão” e desrespeito às crenças e identidade indígena. Nesse sentido, a concepção de memória, de auto história e de alteridade configura, um dos elementos de força do pensamento indígena na atualidade, uma vez que tendo a literatura como um lugar onde a memória, segundo Le Goff (1996, p. 435) passa a ser um “instrumento e um objeto de poder [...] procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”

Dessa maneira, podemos entender essa relação dos textos literários de autoria indígena que se utilizam da memória para se autoafirmarem em suas identidades e pertencimentos, aliando a sua narrativa, de cunho discursivo ou de denúncia, à história de resistência cultural e identitária.

Segundo Kambeba (2012, p. 55):

Há uma relação direta e explícita entre a construção da memória e a construção da identidade. Em linhas gerais, a memória é o elemento legitimador da identidade. A memória, mais do que simples arquivo classificatório de informação a reinventar o passado, é um referencial norteador na construção de identidades

Nesse sentido, Munduruku (2017) defende que trazer as memórias de histórias vividas e suportadas e se sentir fortalecido pelas forças ancestrais é o que move a continuar a existir em sua essência identitária em um sentimento de comprometimento ao pertencimento. A literatura como aliada nesse processo se inscreve no cenário cultural e ganha dimensões que favorecem a luta pela escrita, pela memória, pelos “projetos” de resistência.

### **Projetos de resistência na obra de Edson Kayapó: memórias de um curumim**

De acordo com Eliane Potiguara, a prefaciadora da obra,

Projetos e presepedas de um curumim na Amazônia foi escrito com a paixão e a garra de uma criança que teve a coragem e a sabedoria de extrair para si o melhor do “novo mundo” sem perder sua identidade, sem esquecer suas raízes. (Potiguara, 2019)

Após a leitura da narrativa, é possível ver esse pequeno curumim que, mesmo assustado diante do novo mundo e suas regras, manteve sua identidade que são apresentadas pelos “projetos” de resistência que eram articulados dentro do internato e executados em um espaço onde o encontro com seu eu interior dava-se de forma natural e o fortalecia para os enfrentamentos etnocêntricos empunhados nos discursos e ações do outro.

Narrada em primeira pessoa e assumida a autobiografia, o autor Edson Kayapó nos brinda, no início, com suas lembranças dos tempos de infância nas águas do rio Amazonas, em Macapá:

Um das brincadeiras preferidas era correr em disparada atrás dos tralhotos, espirrando água para todo lado. A cada perseguição frustrada, a esperança de pegá-los na próxima tentativa não nos deixava desistir. (KAYAPÓ, 2019, p. 8)

Com esse espírito alegre, de luta e persistência, em uma narrativa repleta de relatos de sua vivência e costumes do seu povo, o narrador conta sua saída da aldeia para o internato, no município de Altamira, no Pará até sua formação atual. Embora a narrativa se centre mais nas experiências do tempo vivido no internato, lugar que o impeliu a enxergar “as verdades ocidentais” como únicas e verdadeiras, é possível perceber, principalmente ao final, que existia algo mais forte que o movia, de forma natural, a continuar vivendo sua cultura e seus costumes, mesmo diante de forças sistêmicas que agiam para o apagamento das existências indígenas e tudo que a elas estava relacionado.

Para adentrarmos mais especificamente ao que esse trabalho propõe, utilizaremos a assertiva de Daniel Munduruku (2020, p. 31) “Para nós, o passado é passado. Ele se torna vivo quando dá sentido ao presente, ao que vivemos. É para isso que a gente guarda essa memória”. Quando relacionamos essa compreensão à obra *Projetos e preseçadas de um curumim na Amazônia* (2019), podemos entender a proposição do autor com sua narrativa marcada, em sua maioria, pela presença do passado.

Ao contar seu primeiro contato com o mundo externo, suas impressões e as formas violentas de imposição cultural e de crenças, Edson Kayapó não quer só contar sua história, mas sim registrar a violência que os povos indígenas sofreram e ainda sofrem nos dias atuais. Quando o narrador utiliza a primeira pessoa do singular para esse registro, de certa forma, há um “nós” que se traduz nos relatos em que contam a saída dele e de outros curumins para o internato e quando sabemos da conversão de sua mãe à religião adventista convencida pelos missionários e que gostaria que o filho fosse pastor. Quando se refere ao pai, percebe-se que houve uma certa resistência à ideia da mãe, pois informa que “O pai acabou concordando” (KAYAPÓ, 2019, p. 13) e foi ele quem chamou os filhos para informar: “- Tu e tua irmã vão estudar no colégio interno com seu irmão, lá para as bandas de Altamira. Vai ser bom para vocês “virarem gente” (p. 14).

Embora saibamos que, hoje, o autor tem uma visão totalmente diferente dos fatos, na narrativa, o eu narrador mantém sua pureza de menino, de um curumim obediente aos pais e em nenhum momento se mostra contrário à ideia e segue na missão de realizar o sonho da mãe: “Ela queria mesmo que eu virasse pastor, e eu queria muito deixá-la feliz” (p. 40).

Os internatos em várias regiões do Brasil tinham um propósito, fazer com que os indígenas acreditassem em uma verdade única, em uma religião que os levaria ao céu, mas, para isso, era preciso deixar para trás sua identidade, sua ancestralidade. A respeito disso, Munduruku (2020, p. 87) colabora:

Os internatos organizados em diferentes regiões do país tinham os mesmos propósitos e chegaram aos mesmos resultados: jovens sem identidade, sem sentido, sem caminho, por terem perdido o que os diferenciava do restante da população brasileira, que é sua cultura e sua crença nos ancestrais.

Isso se traduz na narrativa de Edson Kayapó e o leitor acompanha, com certa indignação, a imposição, a invasão, a violência física e moral a que os curumins internados eram submetidos. No entanto, o narrador transforma todo sentimento de pesar pelo seu sofrimento em admiração, quando punha em prática seus “projetos” de resistência e presenciemos a cultura autóctone nas ações que o remetiam às suas origens, aos costumes do seu povo, às brincadeiras vividas na aldeia, na floresta e no rio:

Num sábado ensolarado, eu, meu irmão e mais dois adolescentes resolvemos projetar. O projeto era ousado: pescar. Simplesmente pescar? Não. Pescar em pleno sábado, dia sagrado de descanso, no horário do culto matinal. (KAYAPÓ, 2019, p. 31)

É possível perceber a resistência na desobediência às regras impostas no local. É a identidade movida pela força ancestral que não se rende às imposições do outro, mesmo de maneira oculta. Esses momentos eram vividos em sua intensidade de prazer, pois era o reencontro com seu verdadeiro eu. “Durante toda a manhã, voltamos às nossas raízes, brincamos como as crianças do nosso povo, comemos como a nossa gente e nos sentimos livres e felizes. (KAYAPÓ, 2019, p. 32)

Presencia-se o medo dos castigos que eram prometidos àqueles que ousassem desobedecer às regras. Temia ser expulso e isso estava mais relacionado ao fato de desapontar a família. Mesmo assim não foi suficiente para que seus projetos de resistência cessassem. Quando informa ao leitor que “Apesar de tudo, ser expulso era a última coisa que eu queria.” (KAYAPÓ, 2019, p. 35), surpreende com a informação de que passaria a realizar seus projetos sem a companhia dos demais. A natureza o chamava para esse contato. Era como alimento à alma, ao seu pertencimento identitário.

Um deles (projetos) era correr por uma trilha ladeada por um pequeno córrego [...] em uma dessas caminhadas, deparei certo dia com um ninho de passarinho. Depois de um longo tempo apreciando os bichinhos piando (eram quatro filhotes), resolvi levar os dois maiores para o alojamento comigo. Estava decidido a cuidar deles até que ficassem adultos- e depois os soltaria na floresta. (KAYAPÓ, 2019, p. 35)

Permeada pela presença dos costumes na aldeia, a narrativa não se furta em detalhar as brincadeiras, a culinária, a relação com a natureza. Desse modo, encontramos a contribuição da literatura de autoria indígena para levar o conhecimento das muitas culturas existentes e a força ancestral que se incorpora na voz expressa em suas diversas formas de luta.

Os indígenas são povos de conhecimento, mas este ainda passa por critérios de validação, uma vez que o saber ocidental sempre se sobrepôs com questionamentos e julgamentos na tentativa de ignorar saberes que transmitem sabedoria, não só para seus propagadores, mas sim para toda sociedade não indígena. No entanto, foi preciso adquirir o saber da academia e utilizá-lo a favor da defesa própria, integrando saberes e denotando a resistência nessa articulação necessária de sobrevivência.

Em Projetos e presepadas de um curumim na Amazônia, o narrador exemplifica as considerações acima na carta que envia a outro internato para onde almejava ser transferido. Com um discurso coerente para o contexto em que se encontrava, prostou-se em rendimento às crenças do outro com palavras e expressões que ouviu e as repetiu:

Sou adventista batizado [...] sou temente a Deus [...] oportunidade de aperfeiçoar os meus conhecimentos e minha vida espiritual para futuramente ingressar no curso de Teologia. Desde muito cedo, pensei em ser pastor para colaborar na pregação do evangelho. [...] vou orar e aguardar [...] com fé de que serei aceito. (KAYAPÓ, 2019, p. 41)

Embora na sequência à carta, o personagem afirma que tenha orado muito para ser aceito, presenciemos duas identidades em confronto nas ações, pois assim como queria ser aceito no outro local, temia que seus

projetos que continuava a executar fossem descobertos. A ação que julga ser a mais ousada, demonstrando sua coragem e habilidade, foi roubar o diário de notas do professor e alterar as notas de sua irmã que seria reprovada. Finaliza esse momento com seu pensamento: “se um dia eu fosse professor, jamais reprovaria alunos por nota” (KAYAPÓ, 2019, p. 42).

A partir da página 43, a narrativa toma um ritmo mais acelerado, mas o autor faz questão de contar a receptividade de outro internato na Bahia, no qual foi aceito como estudante industrial.

Quando cheguei ao colégio, despertei a curiosidade de todos por causa da minha aparência. Perguntavam se eu era chileno, peruano, boliviano e até chinês! Mas não se deram conta de que eu era um indígena brasileiro. (KAYAPÓ, 2019, p. 43)

A invisibilidade presente de forma metafórica permeia o fragmento acima da obra. O indígena não era ali visto, talvez porque a presença de um nativo naquele lugar fosse algo impensável, ou talvez, quase inaceitável. Mesmo assim, o pequeno curumim presepeiro se fez presente. Estudou, adquiriu conhecimentos e foi se moldando dentro dos sistemas educacionais repressivos até se formar professor e no relato do autor “Com vinte e poucos anos eu já era professor. Um professor diferente, bem diferente daqueles que conheci no internato”. (KAYAPÓ, 2019, p. 43) e completa:

Não me tornei um pastor como minha mãe esperava. Mas, ao retornar às minhas origens, de certa forma percebi que minha missão era retomar as tradições indígenas e usar todos os conhecimentos que adquiri em defesa dos parentes. (KAYAPÓ, 2019, p. 43)

E assim o fez. O escritor indígena Edson Kayapó é professor universitário e um ativista atuante nas causas indígenas. Traz suas memórias vivas e conta suas experiências como forma de levar aos ouvintes reflexões necessárias acerca da história dos povos indígenas, pois sua voz individual ecoa de forma coletiva.

Durante toda a narrativa, Edson Kayapó revive os acontecimentos e busca trazê-los exatamente como os via na época. Esse recurso ajuda o leitor a entender, hoje, o passado vivido pelos povos indígenas, onde o silêncio de muitos era a resposta obediente à pressão hegemônica exercida sobre aquilo que julgava ter a necessidade de ser aniquilado.

Entende-se como a história vivenciada pelo autor tenha colaborado para seu resgate identitário e, buscar trazê-la exatamente como aconteceu nos faz colaborar com Jaques Le Goff quando cita que:

a memória é crucial, tanto por sua importância ímpar e fundamental nos modos de organização da identidade humana, quanto por essa organização realizar-se a partir do cruzamento entre as suas manifestações na esfera individual e coletiva (LE GOFF, 1996, p. 11).

Compreendemos assim, que uma memória individual se constrói em relação à memória coletiva que sempre terá sido pertencida às memórias individuais. Dessa maneira, ao narrar sua história individual, o autor busca, implicitamente, retratar experiências coletivas que, se não aparecem na história oficial, torna-se possível sabê-la e, por meio dessa literatura, uma

releitura do passado pelo olhar de quem a viveu. A respeito disso, Thiél (2012, p.85) colabora ao tratar da literatura de autoria indígena:

[...] documenta a existência de histórias paralelas normalmente não relatadas pelo discurso hegemônico ocidental; sinaliza um posicionamento ideológico do índio que assume a voz narrativa como estratégia de resistência e meio de tornar sua presença visível e permanente.

Ao assumirem o protagonismo na literatura brasileira, os escritores indígenas, não querem só mostrar suas competências exigidas pela crítica avaliadora do campo literário, mas sim utilizar-se dessa estratégia discursiva e relatar aquilo que, até hoje, tentam esconder, distorcer e justificar: o julgamento, o silenciamento com o massacre e o etnocídio indígena. A respeito disso, Thiél (2012, p. 85) explica:

O discurso elaborado para revelar a história secreta traz à tona a dor e traumas sofridos pelos índios em função da violência físico-político-ideológica causadas pelos processos do colonialismo e/ou imperialismo.

A narrativa de Edson Kayapó tem essas características e precisa ser lida para além da sua composição estética estrutural. São memórias vivas em movimento que retratam ações não muito distantes dos dias atuais. Foi preciso contá-las na literatura para somar a tantas outras histórias que vem sendo registradas, como forma de se fazerem ouvir, que diz da sobrevivência fortalecida pela resistência alimentada pela força ancestral.

### **Considerações finais**

A análise apresentada buscou trazer algumas reflexões em torno da produção literária indígena, partindo da compreensão de uma escrita que busca registrar suas memórias como forma de denúncia e resistência. A obra de Edson Kayapó, *Projetos e presepadas de um curumim na Amazônia*, apresenta uma narrativa que contribui para essa reflexão e permite perceber o papel social do escritor indígena, que utiliza a literatura como instrumento para se autoafirmar.

Se a narrativa traz, fortemente, a ação do etnocentrismo, de certa forma mantendo o controle, em contrapartida apresenta a força ancestral que se mostra nos “projetos” dos curumins internados que eram articulados para viverem seus costumes e finaliza com o reencontro da identidade e espiritualidade do autor que trouxe equilíbrio a sua existência. A partir de então, a escrita literária faz parte dos seus projetos de luta, pois acredita nessa arte como instrumento de politização para a libertação dos povos indígenas de uma história oficial que não reflete a verdadeira essência e modos de ser desses povos.

Nas palavras do autor, a literatura indígena “é um instrumento de defesa e de justiça junto aos nossos povos, é também uma produção que colabora de forma efetiva para o fortalecimento e valorização do nosso jeito de ser”. (KAYAPÓ, 2013, s/p).

A visão eurocêntrica quer ser a única versão autorizada [...] quer falar de uma verdade que silencia nossas vozes ou congela nossas vozes no passado. Somos passado sim, mas somos presentes e nos-



...sos ancestrais estão nos apontando o futuro para onde seguimos”.  
(KAYAPÓ, 2013, s/p)

É importante revisitar o passado e a literatura de autoria indígena é um caminho que contribui para percebermos o quanto as histórias de ações de extermínio estão presentes, não só nas memórias desses povos, mas em suas vivências atuais. As narrativas coletivas ou autobiográficas revelam um passado e um presente de luta e resistência e que tem se fortalecido visivelmente movido pelas memórias ancestrais.

A obra de Edson Kayapó apresenta sua voz individual que se junta à narrativa coletiva dos povos indígenas onde contam suas verdades e mostram que a ação se curva à qual muitos foram submetidos está lá no passado, mas faz-se necessário trazê-la à memória e contá-la com a versão daquele que a viveu e se reergueu pela força identitária, sua verdadeira essência que o move a ser e estar no mundo.

# REFERÊNCIAS

LE GOFF, Jacques. **História & Memória**. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

KAMBEBA, Márcia Wayna. Literatura indígena: da oralidade à memória escrita. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs). **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: Criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. p. 30-44. Vol. 1.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Reterritorialização e Identidade do povo Omá-gua -Kambeba na aldeia Tururucari-UKA**. 2012. Dissertação. (Mestrado em Geografia) Universidade Federal do Amazonas- UFAM. Manaus, 2012.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Saberes da Floresta**. São Paulo: Jandaíra: 2020.

KAYAPÓ, Edson. **Projetos e presepadas de um curumim na Amazônia**. Curitiba: Editora Positivo. 2019.

KAYAPÓ, Edson. **Literatura Indígena e reencantamento dos corações**. LEETRA INDÍGENA. v. 2, n. 2, 2013 - São Carlos: SP: Universidade Federal de São Carlos, Laboratório de Linguagens LEETRA.

KAYAPÓ, Aline Ngrenhtabare L. ; KAYAPÓ, Edson. **A literatura indígena e o reencantamento das relações socioambientais**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-ZKHijnSjIM&t=1822s>. Acesso em: 10 out 2021.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando 1: Sobre saberes e utopia**. 2ª ed. Lorena: UK´A Editorial, 2020.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando 2: Sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores**. 1ª ed. Lorena: UK´A Editorial, 2017.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

PERES, Julie Stefane Dorrico. Literatura Indígena e seus Intelectuais no Brasil: da autoafirmação e da autoexpressão como minoria à resistência e

à luta político-culturais. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**. Vol.11 nº 3, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/issue/view/1355>. Acesso em: 20 julho de 2021.

THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

### **A autora**

**Leila Silvia Sampaio**. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, pela Universidade Estadual de Mato Grosso, polo de Sinop, na linha de pesquisa em Estudos Literários, com a temática Literatura indígena: um caminho para a formação da identidade leitora multicultural. Professora efetiva da rede estadual de Mato Grosso, atuando na Escola Estadual Professora Alzira Maria da Silva, no município de Colíder.